

A revolução de um olhar novo

Notas das colocações da assembleia com a comunidade de Manaus realizada com Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional de Comunhão e Libertação, no dia 29 de setembro de 2018

Bracco: Diante das eleições, todos temos uma preocupação. Estou sentindo uma urgência, ou estou só com medo, ou só com um problema para resolver? Eu, neste período, a primeira coisa que aconteceu foi ler um trecho de algo que Dom Giussani falou, que era o momento em que João e André encontraram Cristo, pela primeira vez. Em um certo ponto, Dom Giussani fala: “Imaginem quando Ele se voltou. Eles iam atrás de Cristo, mas imaginem quando Ele se voltou. “Quando Ele cruzou o olhar”. Não estou abstraindo, não estou fazendo uma “viagem”. Cada um de nós tem que tentar se identificar naquele momento. Você, imagine que está aí com João, André, todos nós que seguimos Cristo. Mas você tem que imaginar o momento no qual Ele se volta e olha para você, nos olhos, quando cruzam o olhar. O acontecimento de Cristo é isso. Eu e vocês poderíamos estar aqui no Movimento há anos e a experiência de me sentir olhado nos olhos por Cristo, ser uma coisa do passado, de dez, vinte, trinta anos atrás. Poderia ser algo assim, esse olhar, esse golpe, esse choque. Imagina quando Ele se voltou, quando Ele olhou para você. Porque quando acontece isso, começa uma presença política, começa uma presença diferente; começa uma presença que muda o ambiente onde ela se move. Quando acontece essa surpresa, o ambiente é diferente, muda o ar, muda o clima. Mas quando nós perdemos isso, somos pontinhos que têm só um problema: em quem votar? Somos pontinhos enlouquecidos. Também nós, como todo mundo.

A indicação do Movimento é: tente voltar àquele instante onde você se sentiu olhado assim. Essa é a primeira resposta que nós temos para o mundo. O homem mudado pelo acontecimento de Cristo. Se perdermos isso, perdemos tudo, mesmo que ganhe um, ganhe outro... Perdemos a razão da nossa esperança. No fundo, sem esperança. Ou jogando a própria esperança num próximo possível presidente. Então, eu acho que é muito mais radical a questão. Pode parecer abstrato o que eu estou falando, mas é a coisa mais concreta que existe. Então: primeiro, eu acho que o momento que estamos vivendo é uma ocasião para a gente se perguntar que presença somos. Antes de delegar à política, a um futuro presidente, nós, que presença política somos? O que significa nos interessar pela política? E o que tem a ver o acontecimento desse olhar, desse choque? Isso é uma coisa presente em você ou é uma coisa do passado? Ou nunca aconteceu, ou não aconteceu ainda? Aconteceu para seus amigos, mas para você, de tabela. Estou desejando que me aconteça? Porque quando acontece, eu me torno, nós nos tornamos uma presença política, porque a política é um homem mudado que faz o bem para todos, não só para alguns. Não só para uma parte. Ele se torna um bem para todos. Essa é uma presença política. Então nós não vamos delegar só ao problema de escolher quem será o próximo Presidente. Esse empenho desses dias é uma ocasião enorme para entender como tem a ver comigo, conosco. E mais ainda, como tem a ver com meu encontro com Cristo, se tem essa dignidade ou é só para quando vou domingo ou na Escola de Comunidade ou na Fraternidade, ou quando estamos juntos. É outro nível da questão.

Colocação: *Na minha experiência, pelo que encontrei na minha vida, tudo me diz respeito, tudo me interessa. E a gente já há muito tempo vive grandes problemas no Brasil: na saúde, na educação, enfim, em todos os âmbitos. E, de fato, é esse meu “eu” diante de todas essas circunstâncias que é continuamente provocado. E quando*

começou a vir à tona o tema da corrupção, eu lembro que uma das primeiras coisas que eu e alguns amigos começamos a falar era colocar a pergunta: e eu? Os outros são corruptos, mas e eu? Sou corrupta? Como é que eu vivo as coisas, no detalhe? Nos relacionamentos, no meu trabalho, no trânsito...? Então, é sempre uma ocasião que provoca, de fato. O Movimento sempre nos ajuda a viver todas as circunstâncias trazendo sempre a pergunta para mim. Eu, com as minhas inquietações, com meus anseios, com o meu desejo de mudança, com meu desejo de liberdade, de justiça, como é que eu vivo cada coisa, no detalhe? Como é que eu olho para mim, como é que eu olho para o próximo, para o outro próximo...? Então esse foi o primeiro exercício que eu me dei conta de estar fazendo. Obviamente que com os textos da Revista Passos, do Papa, da Escola de Comunidade, que nos ajudam a centrar, a se olhar e se ver em caminho.

E aí comecei a ficar muito instigada pelo que estava acontecendo na política, e eu comecei a procurar alguns amigos do Movimento para que a gente se encontrasse. Alguns amigos toparam e a gente começou retomando aquele texto que saiu na Passos de janeiro em que o Papa fala sobre o povo na praça, e a gente começou a se ajudar a entender o que estava acontecendo nesse meio político, e aprofundar o tema. Começamos a nos ajudar mesmo. São de sete a dez pessoas que se encontram. E aí as coisas foram se afunilando com as questões mais decisórias, e a gente também começou a estreitar mais essa relação, a ponto da gente sentar junto e começar a ver nomes: candidato Y, candidato X, candidato Y... E tentar entender quem a gente poderia escolher, e a gente até falava assim: nesse palheiro, achar uma agulha que possa corresponder, em alguns aspectos, para a gente fazer uma escolha. Depois a Andreia nos pediu para falar sobre a subsidiariedade, de acordo com a doutrina da Igreja. E fizemos um encontro público e particularmente foi uma ajuda enorme para mim, porque eu fui me deparar com o Compêndio da Doutrina Social da Igreja. A gente sabe dos documentos, mas nunca senta para ler. Eu fiquei me sentindo mais grata e mais apaixonada por nossa Igreja, pela nossa história, pela riqueza que a gente tem, em todos os aspectos possíveis: política, educação, desporto, tudo. Para tudo esse Compêndio dá um norte, pegando as encíclicas dos Papas, as cartas, vários documentos. E a gente fez um encontro para falar do que é o bem comum, da dignidade da pessoa, onde que o Estado entra, onde a família, onde a gente está. Foi muito pedagógico, porque a gente precisa conhecer também. Porque a mídia faz uma loucura, as redes sociais fazem onda, a gente entra na onda. Vejo muita gente brigando, e muito desrespeito para com o outro, para com aquele que pensa diferente. E é um exercício muito grande esse de amor e de bem comum quando um outro pensa super diferente, está no outro extremo. Mas o que me define? Aí vem aquela pergunta: aquilo que me aconteceu me torna diferente ou me torna um negócio que vai dependendo pra onde o vento bate mais forte? Eu, no meio disso tudo, nem vou me eximir, porque sou chamada a ser protagonista, eu sou chamada a dizer o que eu penso, o que eu acho, e a brigar, com toda a educação possível. Mas sempre trazendo a questão pra isso: onde está minha esperança? Por que eu brigo? O que a gente quer, brigando? A gente quer o bem? O que a gente está buscando? A gente está perdido por quê? Nós queremos o bem comum, nós queremos o bem de todos, o meu bem, o seu bem. Você é vermelho, eu sou verde-amarelo, mas o que a gente tem em comum? O mesmo desejo. A gente tem o desejo de verdade, de justiça!

Bracco: Mas isso não é óbvio. É como quando você tem o teu filho pequeno que te diz uma coisa errada. Você tem uma posição, que sabe o que é verdade, o que é mais justo, e tem uma pessoa que talvez não tenha ainda todos os fatores, porque quer fazer uma coisa que não é adequada aos dez anos. O que você faz? Começa a dar as razões, não?

Mas vamos chegar ao tempo em que você não pode mais falar “é assim”. Chega esse ponto em que não se pode mais mandar. Quando acontece isso, é uma coisa interessante, porque nós não podemos mais dar por óbvio que o outro pense como você. Entende? É esse o ponto da questão. Ainda mais: não é óbvio que eu, com a minha conversa, consiga que ele entenda as minhas razões. Ainda mais no WhatsApp, ou no Facebook. Então, como é que a gente acha que vai convencer alguém com as nossas razões? Como é possível? É preciso olhar todo mundo como se fosse o seu filho. É esse o ponto. Porque quando lá está o seu filho, você começa a pensar: mas como posso fazer com que ele entenda isso? Você vibra dentro, de paixão, para que ele possa entender. Tudo em você faz com que se abra um espaço novo, totalmente diferente de ontem. Mas nós queremos isso quando conversamos? Nós queremos isso quando falamos com as pessoas? É outra coisa a ideia de diálogo que temos que aprender. Por isso estou falando que está em jogo uma outra coisa para nós. Só se me acontece esse olhar, se gera como uma faísca, um Big Bang. É como um Big Bang de uma coisa nova. Quando você tem que imaginar como explicar algo para o seu filho. Você está lá, com todo o seu amor e sua paixão que faz nascer uma nova ideia. E lhe dá paciência. Aquilo que eu não consegui hoje, vou tentar amanhã. É um outro movimento que se gera. Esse espaço do diálogo é possível só se acontece esse Big Bang. É esse o diálogo. Mas nós não sabemos ainda o que é isso. Eu fiz um exemplo com o filho, como é difícil. Imagina com o cara do trabalho, com o cara que você encontra na rua. Por isso estou falando que é o olhar de Cristo a única coisa que pode gerar isso em nós.

Mas não estou falando de um milagre. A gente faz a experiência disso, que quando acontece se abre um espaço novo, como eu olho para quem eu amo, para quem eu encontro. É uma paciência, um tempo diferente, para que o outro entenda. Eu crio um espaço. É como se preparasse uma mesa com o melhor jantar, para que ele, que é meu inimigo, se sente. Eu preparo esse espaço. Não estou aí brigando: “Você tem que comer, isto é bom! Você não sabe o que é bom? Come aí!”. Não, você prepara tudo, a coisa mais bonita, porque ele vai no passo a passo e senta com você. Entende que é um movimento de atração? Não é de combate para que o outro entenda. Porque você com o seu filho não faz assim, você sabe que não é esse o método que pode fazer com que ele aprenda. Porque você quer que ele aprenda, não quer que ele mude. Você quer que ele mude para que aprenda, para que cresça. Nós queremos que todo mundo mude, mas sem me interessar de verdade pelo outro.

Por isso é uma revolução isso que estamos falando, não é votar num cara, é decidir isso. Que indicação me dá o Movimento? Que a revolução me ajuda a ter o movimento da minha cabeça, da forma de amar, de encontrar as pessoas, de aprender como o Papa faz, que todo mundo acha que o Papa é coisa simples de aprender a viver. Não, ele faz todos esses movimentos para que o outro se sinta à vontade para sentar-se à mesa com ele. E aí começa uma conversa. Nós já brigamos antes do outro sentar à mesa. Então, entende que coisas grandes estão em jogo?

***Colocação:** Isso é uma revolução, porque quando você fala assim, vem o desejo de sentar, preparar mesmo para saber acolher, saber olhar. Mas eu entendo que só é possível se eu faço essa experiência. Se eu não fizer, não consigo.*

Bracco: Sim. Precisa acontecer essa faísca, esse Big Bang que eu falei. É como um espaço novo que se abre aqui. Não sou eu que crio esse espaço. Quer dizer, nasce de mim essa possibilidade, mas parte desse olhar, de uma coisa que vem antes. Que é aquilo que nos aconteceu. Não é uma estratégia que: “ah, agora eu vou pensar em criar esse espaço de diálogo”. Claro que temos que pensar como fazer, etc., mas essa possibilidade nova nasce de uma coisa nova que acontece em mim. Como é o amor. O

amor, que gera uma criatividade. Que não é você que vai lá e fala “amanhã penso como meu namorado ou a pessoa que eu amo, vou imaginar isso”; não, se gera uma coisa nova em você, mas antes de você. É uma coisa antes que faz criar esse espaço. É isso que falta, hoje. Por isso é uma ocasião para nós. Nós somos os primeiros que têm mais responsabilidade, não de escolher o Presidente, mas de gerar esse espaço novo, onde todo mundo se mata. Nós estamos dentro disso. Por quê? Porque nós ainda temos que desejar aprender isso. É isso que está em jogo com as eleições, eu acho.

Colocação: *Aconteceu uma discussão dessas também, no trabalho. Meu chefe estava totalmente desanimado, de um jeito negativo pelo que as pesquisas estão apontando, que leva para o segundo turno. E a gente conversando eu falei: “Mas não pode ser só isso, nesse fator que você embasa sua vida para poder ficar assim triste desse jeito”. É isso que você está falando, porque na hora eu fiquei questionando sobre essa pessoa, porque eu vivo essa experiência desse encontro, de ser olhada assim e ter ocasiões e momentos e estar sendo ajudada a olhar para o que acontece agora. Os Exercícios da Fraternidade têm sido uma ajuda muito grande para mim, para entender como não ser uma coisa separada. É algo como uma presença que acontece. E acho que a caritativa, os Exercícios [...] têm me atraído bastante porque me coloca diante de uma presença, mesmo. Não é uma questão de ter um discurso, é realmente Cristo, realmente é o sentido todo da minha vida ou não. Então isso pra mim tem sido muito radical. E esse ponto também, quando o Carrón fala de uma liberdade sem comparações, é uma das coisas que eu queria entender com você. Essa radicalidade que ele fala, que é um ponto da radicalidade do comprometimento de Deus para conosco, e é isso que eu desejo experimentar. Essa radicalidade de apostar tudo, às vezes ainda parece que não é concreto, não é uma experiência real para mim. Então ele diz assim: “Pelo dom de si até a morte, teve o seu auge o compromisso extremo de Deus com o mundo. A radicalidade de tal compromisso pode ver-se pelo tipo de liberdade completamente novo que esse mesmo compromisso possibilita: um compromisso definitivo de Deus com o homem em Jesus resulta na libertação definitiva da qual nos falamos João e Paulo. A liberdade não é só em relação aos poderes políticos, bem como em relação a todos os poderes cósmicos do destino, a libertação do pecado, ao alienar-se de Deus, a limitação de depender-se, de agredir, de assassinar, a limitação da decadência no que é vão, efêmero, enfim, a libertação da morte. Todos esses poderes ficam paralisados. Imagina, levando a sério essas palavras. Esses poderes ficam paralisados, fora do jogo, sem poder, na sua força [...] pela ação e pela atração vencedora do outro”. É isso que me interessa.*

Bracco: Onde se pode entender mais essas palavras? Como é que se pode entender mais? Mais que uma explicação, é uma experiência. Esse trecho que ela leu, eu também comecei a ler quase todos os dias. Porque Carrón começa assim: “Deus tem um objetivo para você”. Vocês pensaram nisso? Se acreditamos em Deus, qual é o objetivo de Deus? Você está dentro dos objetivos de Deus ou está fora? Por quê? Qual é o objetivo que ele tem com você? Essa, que é a maior verdade, pode não ter nada a ver comigo, com o meu problema no trabalho, com a faculdade, com o meu problema com namorada. Hoje não tem nada a ver saber que Deus existe. Então, qual é o objetivo que Deus tem, no existir, comigo, com você? Ou são coisas que estão fora?

Ele quer que você O ame. Qual é a vantagem disso para você? Temos que ser um pouco egoístas, senão não vamos entender. Qual é a vantagem que Deus tem? Que se realize. Significa o quê, se realizar? O que tem a ver com o trecho que você falou? De ser livres! Ele quer que eu seja livre! Quer me libertar, libertar de quê? De todos os poderes que te prendem! Isso que ela falou agora. O poder do seu marido quando você não aguenta. O

poder dos seus pecados quando você errou com seu marido. O poder da limitação daquilo que você não consegue fazer. Imagina desde que você acordou de manhã, quantos poderes o prenderam? O poder da realização no trabalho que você não consegue. O poder do dinheiro que você não tem. O poder do dinheiro que você tem demais. O poder do medo da morte, da sua morte, o poder da morte do seu filho. São todos poderes que te pegam na garganta. Qual é o objetivo de Deus, então? Ele me quis, Ele quer fazer com que eu O conheça. Não só para conhecer a Deus, porque que interesse temos em conhecer Deus? O interesse de conhecer a Deus é começa a soltar uma corrente, começa a soltar a outra, você começa a sentir que estava preso e não está mais preso. As brigas entre nós, não são poderes? Não pode mais olhar a cara do outro... Ele o solta disso! Ele o torna livre! Isso é o que Deus faz. Por isso cresce minha afeição por Deus.

Então significa o quê? Que Ele quis, desde o povo judeu, fez uma história – isso são os Exercícios, estamos refazendo aqui – toda uma história, para que a gente começasse a aprender que Ele tem esse objetivo. Não está no hiperurânio, está dentro da minha vida, por quê? Porque me solta uma corrente, me torna mais livre daquilo, me torna mais livre da outra coisa. Eu caio de novo, Ele me liberta de novo. Mas se eu não O conheço, eu sou escravo de duas mil coisas. Mas isso só não bastou para Deus. Ele quis radicalizar esse empenho, esse empenho para me tornar livre. Ele quis radicalizá-lo. Significa que Ele quis ir mais até o fundo. Como? Mandando Seu Filho, mandando esse Homem, para que eu pudesse ver o Homem. Imaginem quando Ele se voltou. Que liberdade sem comparação! Quando Ele se voltou, todas as correntes que eles tinham – João, André – saltaram pelos ares. Mas depois brigaram, depois pecaram, depois traíram... Então Ele quis ir até o fundo, ainda. Isso é o Mistério da Morte e Ressurreição de Cristo. Não está no hiperurânio, não está numa historinha. É a radicalização do empenho de Deus, com Cristo, para me tornar livre, para que eu seja livre. Por isso tenho esse crucifixo: para me lembrar disso. Dá para entender? É para reconquistar tudo. Tudo temos que reconquistar.

Porque saber que Deus existe, saber que Cristo existe, saber que Nossa Senhora existe, saber que morreu, ressuscitou, não me serve para nada se não me torna livre. Então, se o nosso estar junto não é para conhecê-Lo até esse ponto, eu vivo como um escravo dentro do Movimento Comunhão e Libertação, dentro da Igreja. Como escravo! Por quê? Porque eu tenho duas mil coisas que me prendem! Não sou livre.

Então essa é uma ocasião enorme que temos também para entender isso. Porque quando *recontece* aquele olhar, se gera uma liberdade que é aquele Big Bang que eu estava falando. Porque quando você experimenta essa liberdade, você cria um espaço que olha o outro com uma novidade incrível. O outro quer vir na sua casa. O outro com quem você brigava, quer vir na sua casa. O outro que errou, como Zaqueu, convida você para ir à sua casa. Por causa dessa liberdade, dessa liberdade nova que aconteceu com Deus, com Cristo, que radicalizou, e que chegou até hoje para nós.

Então: da existência de Deus, o movimento é Cristo que nos colocou aqui para agora redescobrir um cristianismo novo, hoje, aqui. Como se estivesse refundando tudo aqui, agora. Senão, não acontecem esses momentos. Vivemos com todas as coisas que já sabemos, mas não acontece nada. E não acontece nem uma raiz nova de olhar o outro para falar do momento político. Porque só se acontece isso é que depois podemos pensar. Mas nessa situação, o que pode ajudar mais o nosso País? Quem pode ajudar mais? Se não tem ninguém, se não sabemos, dá um tempo, vamos ter um tempo para nos ajudar. E para entender. Mas como é diferente se acontece isso pulando tudo aquilo que conversamos hoje, falando de uma indicação em quem votar.

Colocação: *Eu estava assistindo ao jornal e vi a notícia de um acidente com duas*

crianças de 6 anos e 4 anos, e uma mãe perdeu os dois filhos. E eu pensava: “Nossa, como que essa mãe recupera isso, diante dessa tragédia?”. Eu me lembrei também do encontro com Carrón, daquela situação da mãe que estava com a filha na UTI. Cada um tem uma situação de sofrimento, eu agora perdi o trabalho, então cada coisa que o Senhor coloca na sua vida, mexe com você. E você falava disso, que essas coisas acontecem para você ser livre. Só que isso é um caminho, uma mãe que perdeu dois filhos vai sentir esse sofrimento naquele momento. Assim como pessoas que perdem o emprego, enfim, cada situação é um sofrimento. E essa é a realidade.

Então, diante da política eu falei: ah, o Movimento não vai dizer, não vou receber uma carta do Bracco, do Carrón, dizendo “votem em fulano”, isso não vai acontecer. Então, como me coloco diante disso? E eu estava assistindo a uma entrevista com um candidato, e depois pensei: “será que isso é pouco?”. Porque a gente olha muitas propostas: fulano vai dizer que vai recuperar não sei quantos milhões de emprego, o outro vai para a área de ciência e tecnologia, o outro vai reduzir impostos, cada um diz que vai fazer uma coisa. E aí eu assisti uma entrevista e o jornalista perguntou assim: “E o que você acha da vida, do aborto?” Ele falou: “Eu sempre vou ser contra o aborto”. E aquilo, eu já tinha ouvido várias vezes falar, mas aquilo me tocou. Você ainda agora fez uma pergunta, não é que vai ser o salvador, quem me salva não é a política, não é um candidato, mas essa experiência que eu encontrei. Mas aquilo foi uma ponta de atenção que eu me toquei para como ele respondeu diante da pergunta sobre a vida, o que ele pensava da vida. Ele falou: “Para mim a vida já acontece na concepção, por isso eu sou contra”. Então pensei: será que então eu estaria olhando corretamente? Essa é uma pergunta que eu quero te fazer. Mas eu queria entender um pouco essa coisa que diante de todo esse sofrimento, de tudo aquilo que a gente vive, é um caminho, mas naquele momento que você vive aquela aridez, como que o Senhor te responde?

Colocação: Você está falando uma coisa que é a “dependência”. Você não sabe exatamente o que vai acontecer. Eu penso assim e tem uma coisa que inevitavelmente me tira da minha medida. Eu posso preparar a mesa e falar: vou receber minha Fraternidade, por exemplo, e para a minha Fraternidade eu vou oferecer isso e ela vai agir assim. A gente naturalmente tem uma expectativa, e a vida, ela acontece. Vou fazer um exemplo bem concreto: eu comecei a dar aula e indo encontrar aqueles meninos me veio à mente Dom Giussani, de uma forma muito mais carnal, que nunca tinha acontecido. De começar a perceber o que ele queria nos comunicar, dizendo que Cristo veio para responder a essa exigência do homem. Porque ele percebia, nos jovens que ele encontrava, que isso era extremamente distante, exatamente o que você estava falando. A gente sabe que existe, mas fica distante. E a primeira coisa que me surpreendeu foi uma preocupação por eles. Nunca imaginei que eu pudesse ter preocupação com pessoas estranhas. Tenho filhos, tenho preocupação, mas aconteceu uma situação na aula e eu me vi também exatamente nisso que você estava falando. Voltei para casa pensando, não em resolver o problema, mas em como comunicar essa coisa maior. E também não pode ser uma coisa que você pega e joga, uma coisa teórica. E fiquei com essa preocupação, e também não quis encontrar uma fórmula: “vai ser assim”. Pensei, pedi ajuda para alguns amigos nessa área, mas especificamente com o desejo de dizer para eles que vale a pena, que tenham esperança, que eu faço essa experiência com essa coisa que me ajuda a ficar livre. E aí a minha pergunta é que imediatamente não é a nossa medida. Minha medida é que posso preparar a mesa do café e tenho a expectativa, mas eu tenho que dar um espaço para o Mistério. Então queria saber como que você vive isso, porque a gente o tempo todo está se jogando com as coisas, o tempo inteiro. Às vezes tenta descansar e não dá

muita atenção, e muitas coisas favorecem que a gente queira ficar desligada. Porém, estar em batalha, estar no campo, eu vejo que não dá se não tem uma companhia. Eu peço ajuda para Nossa Senhora e para o Espírito Santo nesse sentido: como ficar aberta para receber de fato.

Bracco: O perdão não pode subsistir como se fosse o nosso projeto. Isso não é perdão, é o teu projeto. O perdão é um espaço novo que se gera só se você pede, se lhe acontece de se sentir perdoado. É impossível que se gere. O perdão não é “ah, eu decido perdoar”; tudo bem, isso é uma generosidade. O perdão é uma coisa nova, um espaço novo, totalmente novo que você cria na frente do outro para que o outro possa voltar. Mas é impossível, se você não tem a consciência de como você é perdoado. É quando você é perdoado que se gera essa novidade. E você pode olhar para o outro assim. Não é uma decisão nossa, perdoar. Essa é uma generosidade. O perdão é uma coisa nova, é um acontecimento que precisamos pedir. É a mesma coisa do diálogo que falei antes: é uma coisa nova, é um espaço novo, uma coisa pura, que você só reconhece com a experiência, quando se gera. Você não decide dialogar. Você vê em você algo que aconteceu que gera um espaço novo. Quando você começa a identificar essa experiência, você começa a querer cuidar dela, a querer cuidar de quem gerou isso para você. Por isso se trata de um caminho. Nem sempre conseguimos, mas quando estamos ligados, sim. Não é que dentro de tudo isso que estou falando você se torna como que anestesiado do sofrimento. Como a mãe que perdeu os filhos. Só que, como é diferente dizer “Deus quis isso” ou o que o Papa falou: “Tem coisas que se explicam só se você olha o crucifixo”. Porque uma coisa é “Deus quis assim”. Mas Deus quis também que com o próprio Filho acontecesse isso. Tem um mistério dentro. Mas aquele Filho que está lá pode ser algo totalmente distante ou pode ser uma presença. Aquilo que faz a diferença, não é você saber que “Deus quis isso”. Isso aqui não faz nenhuma diferença, não me liberta de nada. Liberta quando começa a se tornar um vínculo com você. Porque se Deus quis estar lá, pregado lá, esse aqui que vocês veem toda vez que se encontram. Ele quis estar lá, para, quando você sofrer, ter esse vínculo com Ele. Não é que explique para você lá na parede: “Você sofre por causa disso e disso... Você não vai perder, fica tranquilo, não sofre mais. Os seus filhos, você vai encontrar na vida eterna”. Não é que lhe explique tudo isso. Para que eu possa viver isso, Ele se fez uma presença: a radicalização do empenho d’Ele. Tem fatos que para nós se tornaram óbvios. Então, no Seu poder de libertar, quando acontece uma dor... Ser livre dentro de uma dor não significa que você não sente dor. Dá para entender? Não é que lhe tira todas as dores, um analgésico. Não é um analgésico que lhe tira toda a dor de repente. Anestesia. Você sente a dor. Mas, dentro da dor, está livre. Não está perdido, não está desesperado. Por quê? Porque tem tantos fatos, tantos pontos que me mostram que não acabou, não acaba. Não é mentira aquilo que eu vi. Isso gera a fonte do perdão, gera a fonte da esperança, gera a fonte de recomeçar quando tem uma dor. Nós temos que ir lá dentro da carne de tudo, para ver se responde. Não basta saber que existe.

Para mim, é que quando eu tenho no canto dos olhos alguém que vive assim, eu fico mais atento, fico com mais calma, fico mais atento para querer entender. Não respondo logo, fico mais em silêncio, consigo ter tempo para pensar. Assim o seu computador cerebral funciona melhor. Por que vamos atrás de qualquer coisa? Sabe qual o problema da *fake news*? É que a gente não pensa. E nós, aqui, podemos ir atrás de qualquer coisa! Em vez disso, quando a gente se encontra, você lê, lê uma coisa, você deixa aquela coisa, você pensa, você deixa um tempo, aquela coisa lhe corresponde. Você tem o tempo de pensar, te dá o tempo de perguntar para o outro, para ter mais fatores. Só que, quando eu não tenho no canto dos olhos, alguém que vive assim, eu reduzo todo esse tempo que eu preciso para escutar, para deixar fazer os nexos nas coisas, para eu chegar

a entender. Tudo isso não existe, chega uma coisa, você responde, não conhece nada. Você não conhece mais nada. Nós podemos viver assim, indo atrás de *fake news* o tempo todo. Por quê? Porque você não se dá o tempo de conhecer, de usar o cérebro, e fazer as conexões das coisas. Isso é só o amor que torna possível fazer isso. Nós podemos falar de amor, de ser amado, de presença, mas ele não terá a mínima influência na tua forma de raciocinar, de pensar. De dar o tempo, de ser inteligente, de avaliar melhor os critérios. Isso vocês têm que verificar também. Isso que encontramos me dá essa inteligência nova, me dá mais calma, me dá mais tempo, me dá mais paciência, me dá mais essas coisas novas. E me dá mais nexos. Você consegue fazer mais nexos com as coisas.

Isso aqui é uma verificação maravilhosa dessa liberdade, porque se eu não vivo assim, vou ser um escravo do primeiro que passa. Colocam lá a notícia, você vai atrás. Disso somos escravos também. Por isso todo mundo vai atrás dessas notícias. Precisa ser mais educado, querer ser educado para entender bem dentro, notícias que chegam a milhares, somos submergidos. E você, como é que decide, como é que você escolhe? E nós temos não só as conexões do nosso cérebro, temos mil outras conexões. Mas se não tem no canto dos olhos alguém que me abre esse espaço, eu não uso todas as outras conexões que tenho.

O meu cérebro é como se juntasse tantos pontos em frações infinitesimais de segundo. Por exemplo, eu reconheço a Neide, reconheço a Andreia. Por que reconheço a Andreia? Porque o meu cérebro, em uma fração de segundos, junta tantos pontos que vão lá e pegam no meu disco, pega a minha memória de quando eu vi Andreia, tanto que se a Andreia chegasse aqui toda loira, com o cabelo liso, vou demorar mais a reconhecer. Porque nós juntamos os pontos, juntamos sinais da voz, tudo isso em frações de milésimos de segundos. O meu cérebro faz e reconhece, conhece. É a mesma coisa para conhecer a realidade: se nós não temos todos esses pontos que se juntam, nós não conhecemos a realidade. Mas essa presença que eu encontro, dá essa capacidade de ver todos esses pontos, mais pontos, mais conexões. Sem um caminho, isso se reduz, se torna mais árido. Você pega três pontos e fala: “é isso”. Mas ela, que tem dois mil pontos, pode falar “é isso” com muito mais certeza, ela se confunde menos. Quem me dá essa capacidade, esse caminho, essa presença? Se nós não fazemos isso, achamos que com quatro pontinhos a minha inteligência cerebral vai reconhecer a verdade. Não é assim, se confunde. Por isso todo mundo é confuso, porque não está usando mais, e não tem a experiência que nós, por graça, temos, de ter isso, milhões de pontinhos que me ajudam a identificar uma verdade. Uma sensibilidade de ouvir a voz, de ouvir, fazer essas conexões. Aí vamos atrás do Facebook, como todo mundo faz. Dá para entender o que está em jogo? É fantástico. Só que tudo isso é para usar a cabeça, para usar o coração. Precisa estudar, precisa conversar. Mas mais ainda, precisamos redescobrir e desejar de novo que aconteça esse acontecimento. É o Big Bang de tudo isso que estou falando. Imagine quando Ele se voltou. Tudo isso aconteceu. Se nós perdemos isso, perdemos toda essa potência que nos ajudará também a identificar, nos próximos dias, quem é que é melhor para que a gente vote, nesse contexto que é uma bagunça generalizada. Que não é fácil, não é simples. Mas não estamos desesperados. Cada um tem que verificar isso.

(notas não revistas pelos autores das colocações)